

Júlio Emílio Frederico Massenet

Júlio Emílio Frederico Massenet, francês de nascimento, figura, na história da música, como um dos compositores de maior produtividade.

O próprio Massenet, aludindo às suas produções, afirmou que «para se compor uma boa sinfonia não é preciso ter muitas ideias, bastando desenvolvê-las com arte, usá-las demoradamente, isto é, brincar com elas, tirar - lhes tudo o que possam dar. Isto não é da minha índole; pelo contrário, aborrece-me diluir meu pensamento, fragmentá-lo, persegui-lo sem cessar, e afinal voltar a ele. O que tenho para dizer musicalmente, preciso dizê-lo com rapidez, força e concisão; a minha expressão é concentrada, nervosa, e, se quisesse falar de outro modo, deixaria de ser eu».

Revela-se Massenet, por meio dessas palavras, médium inspirado, porque, segundo nos ensinam os mestres, a espontaneidade é o que melhor caracteriza o pensamento dos médiuns inspirados. Nesses momentos em que a faculdade medianímica se faz sentir de maneira clara e positiva, as ideias extravasam, sob um impulso involuntário e quase febril.

Os homens de gênio, de todas as espécies, artistas, sábios, literatos, são, sem dúvida, Espíritos adiantados, capazes de compreender por si mesmos e de conceber grandes coisas. Ora, precisamente porque os julgam bons receptores, os Espíritos lhes sugerem ideias, pensamentos, frases musicais e melodias. São médiuns e muitas vezes ignoram que o sejam.

Têm, no entanto, vaga intuição de uma assistência estranha, visto que todo aquele que apela para a inspiração, mais não faz do que uma evocação. Se não esperasse ser atendido, porque exclamaria, tão freqüentemente: meu bom gênio, vem em meu auxílio?

Daí a razão por que Massenet enchia com a maior facilidade, fluentemente, folhas e mais folhas de papel, com a grafia dos sinais representativos das notas das suas sublimes e divinas melodias. Mesmo doente e acamado, ele não deixava de dar vazão à fonte inesgotável da inspiração.

No entanto, Massenet, quando muito jovem, foi expulso, sem cerimônia, do curso de composição do professor Bazin, por imprimir às obras de harmonia um estilo oposto à insipidez dogmática do pedagogo.

Assim é o mundo! O dogmatismo de todos os tempos, como espantalho do progresso, da evolução!

Mas o verdadeiro artista, pelo psiquismo nele existente, não cede às exigências do convencionalismo humano, mantém-se acima dos preconceitos e rotinas, sinais evidentes de inferioridade mental e espiritual.

Fonte: Grandes vultos da humanidade e o espiritismo.